
OS IMPASSES DA EDUCAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

RENATA PIRES BASTOS COSTA

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

MARIA CELINA PEIXOTO LIMA e CLARA VIRGÍNIA DE QUEIROZ PINHEIRO

Diretoria do Centro de Ciências Humanas, Psicologia, UNIFOR – Univ. de Fortaleza

RESUMO

Família e escola se inquietam diante de adolescentes com dificuldades específicas relacionadas ao saber escolar. Tais dificuldades se caracterizam como desinteresse pelo conhecimento, falta de sentido no conteúdo escolar e dificuldade em manter a atenção nas aulas. A partir de uma leitura psicanalítica, o presente artigo traz um caminho possível para que pensemos o mal-estar na educação contemporânea. Tomamos como centrais e intimamente relacionados os conceitos de desejo e autoridade, uma vez que o saber se constrói fundamentalmente a partir da relação do sujeito com seu desejo e na identificação com aqueles que ocupam a posição de mestre. A adolescência, momento de intensas combinações e composições que exigem um novo posicionamento frente às demandas sociais, é compreendida pela psicanálise como modelo das questões decorrentes da crise das referências simbólicas. Neste sentido, a questão do declínio da autoridade na atualidade teria efeitos diretos sobre a educação, incidindo, mais especificamente, nos impasses do desejo de saber do adolescente testemunhados pela demanda crescente dirigida à clínica psicopedagógica.

Palavras-chave: Adolescência; educação; desejo de saber; crise de autoridade; psicanálise.

ABSTRACT

THE IMPASSES OF EDUCATION IN THE CONTEMPORARY ADOLESCENCE

Families and schools feel uneasy when facing teenagers' problems regarding specifically academy-related knowledge. These problems can be lack of interest for knowledge acquisition, lack of meaning perceived in academic content and difficulty in maintaining attention during classes. This work presents a possible perspective to understand this discomfort in education from a psychoanalytical approach. We take as central and intimately related the concepts of desire and authority, given that knowledge is built fundamentally by the relation experienced by the subject with their desire, and the identification with those who play the role of master/teacher. Adolescence, a time of powerful combinations and compositions that demands new attitudes to social requests, is understood by psychoanalysis as a model for the questions surrounding the crisis of symbolic references. Thus, the question of authority's decline nowadays has direct effects on education, involving, most specifically, teenager's desire for knowledge, demonstrated in the escalating demand for psycho-pedagogical treatment.

Key words: Adolescence; education desire for knowledge; authority's crisis; psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Família e escola se inquietam diante de adolescentes que apresentam dificuldades específicas relacionadas ao saber escolar. Tais dificuldades, longe de se apresentarem como associadas a questões neurológicas, caracterizam-se como desinteresse pelo conhecimento, falta de sentido no conteúdo escolar e dificuldade em manter a atenção nas aulas. Queixas comuns entre adolescentes para os quais “estudar é muito chato”.

Este cenário pôde ser observado através dos 12 anos em que estivemos envolvidos com adolescentes que traziam “queixas escolares,” nas aulas particulares em domicílio, no contexto da psicopedagogia clínica e na coordenação do Base Educacional – espaço que oferece cursos e aulas particulares de todas as disciplinas para alunos de ensino fundamental e médio.

Os aspectos abordados no presente artigo relacionam-se, portanto, a esta nossa experiência profissional, trazendo as possibilidades e limitações determinadas por este recorte que envolve o universo de adolescentes que freqüentam escolas particulares da cidade de Fortaleza com os quais tivemos contato através de aulas particulares ou atendimentos psicopedagógicos. Tal recorte, assim, não implica na escolha dos aspectos aqui abordados como exclusivos ou mesmo mais importantes, mas sim, simplesmente, na escolha do foco proporcionado por nossa experiência como fonte de informações para uma leitura, reconhecemos, sempre parcial, do problema aqui considerado.

Os alunos que acompanhamos, em sua maioria, tinham na rotina escolar uma experiência de desprazer, movidos pela pressão da temida reprovação, enquanto a formação em si não parecia lhes oferecer nenhuma referência em termos de ideais.

O caso de Alice (nome fictício), acompanhada por nós na clínica psicopedagógica, ilustra o problema: Alice tem 15 anos, estuda em uma tradicional escola particular de classe A, cursa o 1º ano do Ensino Médio e, desde a sexta série do Ensino Fundamental, enfrenta sucessivas recuperações de fim de ano, cada vez em maior número de disciplinas. Segundo seus pais, *“ela não aprende, porque não quer. É inteligente... De música e computador sabe tudo, se quisesse mesmo, só tirava (nota) dez”*.

Por outro lado, o discurso de Alice é o seguinte: *“Toda recuperação tô [sic] lá eu, sem férias, me matando de estudar pra aprender em um mês a matéria do ano todo. Não agüento mais, me desespero, faço promessas e a cada ano a situação piora, fico em mais matérias, devendo mais pontos... Eu tento, quero melhorar, sei que, se eu estudasse, meus pais pegariam menos no meu pé. Mas, na hora mesmo, não sei o que acontece, vou pra aula e vôo, a matéria é sempre chata demais. Todo ano digo que no próximo vai ser diferente, mas acumulo tudo, não consigo estudar nem prestar atenção nas aulas”*.

Casos como este são comuns na atualidade, fazendo com que diversas explicações surjam na tentativa de dar conta deste desinvestimento adolescente no conhecimento. O problema de Alice poderia ser entendido como uma patologia relacionada à atenção, falta de motivação, carência da atenção dos pais, falhas no conteúdo da escola ou uma rebeldia típica da adolescência?

Considerando as especificidades da educação dos adolescentes na contemporaneidade, em conformidade com os estudos de Kupfer (2005), Rassial (1999), Gutierrez (2003) e Khel (2004), partimos de duas questões que julgamos inter-relacionadas. A primeira diz respeito à crise da autoridade e

sua relação com uma crise da educação contemporânea e a segunda consiste na especial posição do adolescente com relação ao saber vindo do outro.

A partir, porém, de nossa prática pedagógica e psicopedagógica, observamos queixas constantes relacionadas ao desinteresse adolescente pelo saber frequentemente associadas à declaração de pais e educadores: *“ele não aprende porque não quer”* e, fundamentados no pensamento freudiano, consideramos um terceiro aspecto que certamente se relaciona de forma central e incisiva às duas questões anteriormente abordadas: a questão do desejo. A partir deste novo recorte, é fundamental discutirmos as especificidades envolvidas na relação entre a adolescência, o desejo de saber e a crise da autoridade na contemporaneidade.

Norteados por uma visão psicanalítica de construção do sujeito na cultura, através de textos freudianos e de trabalhos relacionados à educação, ampliamos nossa visão acerca dos impasses vivenciados na educação contemporânea relacionando-os ao conceito de desejo, central à teoria psicanalítica. Assim, a noção de desejo e sua relação com os impasses na educação aqui abordados serão examinadas a partir de dois aspectos fundamentais: a crise da autoridade e seus efeitos sobre a educação e as especificidades do desejo de saber adolescente.

SOBRE O DECLÍNIO DA AUTORIDADE E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO

A partir da questão aqui abordada – o desinvestimento adolescente no conhecimento –, tomamos como centrais e intimamente relacionados os conceitos de desejo e autoridade, uma vez que o desinvestimento adolescente no conhecimento se construiria fundamentalmente a partir da relação deste adolescente com seu desejo. Neste sentido, a questão do declínio da autoridade na atualidade teria efeitos diretos sobre a educação e, mais especificamente, sobre o desinvestimento adolescente no conhecimento.

Em conformidade com as idéias de Grant (1999), acreditamos que numa sociedade que valoriza o imediatismo e a efemeridade, fala-se em crise da educação associada à crise da autoridade e da tradição. À medida que a globalização e a tecnologia encurtam as distâncias que marcariam as diferenças, afasta-se a possibilidade da falta viabilizadora do desejo.

Os progressos da ciência moderna, de acordo com Lebrun (2004) nos fazem acreditar que tudo é possível, sendo interpretados como a negação dos limites inerentes à condição humana. Toda e qualquer angústia ou frustração é tratada pelo discurso da tecnociência como pertencente à ordem da patologia.

As crianças e adolescentes não escapam deste imperativo de perfeição: é preciso supri-los de tudo, e como se torna cada vez mais difícil dizer-lhes “não”! A isto podemos acrescentar a idéia de Fontes (1999), ao dizer que a modernidade nos traz como ideal ver a criança sempre feliz e radiante, um imperativo que implica o não reconhecimento de qualquer positividade do sofrimento no sentido de ser determinante do desejo.

Aquele que não alcança o “sucesso escolar”, portanto, deve ter, conforme o discurso da ciência e, freqüentemente, da Medicina, da Psicologia e da Psicopedagogia, “algum dos problemas” tão comuns na modernidade, como transtorno do déficit de atenção, hiperatividade ou dislexia, devendo

ser tratado e, freqüentemente, medicado.

Observamos com isso uma falta de compromisso do sujeito diante de suas escolhas e daquilo que o constitui. No que diz respeito às questões de aprendizagem, pais e filhos não se assumem como sujeitos de suas histórias, tomando suas frustrações como pautadas na objetividade e na patologia associadas ao discurso científico.

Não há mais por que se responsabilizar. Os ditos encontram sua legitimidade na coerência científica. O saber da ciência apresenta-se, assim, prescindindo de mestres, livre de enunciadores que sustentem o lugar de autoridade - autoridade esta que, em outros tempos, esteve associada à igreja, ao pai da família ou mesmo ao mestre que existia no professor (Lebrun, 2004).

Se o discurso da ciência deixa vazio este lugar de autoridade, fazendo com que seus antigos ocupantes questionem-se quanto ao seu papel, no espaço escolar tal discurso manifesta-se através daquilo que Lajonquière (1999) define como psicologização do cotidiano escolar, o que corresponde à invasão de conceitos psicológicos como determinantes de práticas pedagógicas.

Esta psicologização do cotidiano escolar caracteriza-se, conforme Lajonquière, fundamentalmente por três aspectos: a crença em condições maturacionais que precisam ser estimuladas, a teoria dos afetos, cuja máxima consistiria em “não traumatizar o aluno” e a rotulação das dificuldades de aprendizagem. Assim, questões relativas à educação já não podem ser resolvidas por pais e educadores, pertencem à ordem da patologia e devem ter suas respostas em médicos e psicólogos.

Nesse contexto, segundo Dias (2004) a figura do professor tem sua autoridade questionada e o aluno é visto como cliente. Cada vez mais a escola “negocia” os limites que deveriam ser impostos aos alunos. A posição ocupada pelo professor, muito associada à citada teoria dos afetos, ou mesmo a uma relação onde se deve “atender plenamente às necessidades do cliente”, distancia este professor de sua posição de autoridade. O professor, hoje, não ocupa o lugar de modelo, de detentor do suposto saber, aquele com o qual o aluno deveria identificar-se.

O papel da educação – de transmitir conhecimento acumulado, valores e cultura (Pombo, 2003) – exigiria o distanciamento que colocaria aquele que sabe num lugar de referência. Se antes a figura paterna, como modelo forte e presente, produzia um distanciamento entre a posição ocupada e a desejada, essa distância era capaz de provocar um movimento contínuo, gerando laços sociais e efeitos de construção cultural. A tônica atual é pela identificação horizontal, livre de modelos de referência marcados pela diferença (Fontes, 1999).

Diferença esta que se manifesta na existência de lugares hierarquizados, determinados para cada um, de maneira inconsciente. Tal hierarquia, que define os lugares de criança e adulto, de acordo com Lebrun (2004), possibilitava a inscrição da alteridade e autorizava tradicionalmente o exercício da mestria criando a condição necessária à educação.

Além disso, os novos modelos de comunicação viabilizam de forma crescente ao aluno o acesso a um saber sem mestre, ao qual se pode ascender diretamente, o que implica no desprestígio da escola como lugar central de transmissão do conhecimento. O saber que se busca hoje está cada vez mais relacionado a informações que podem ser adquiridas sem as mediações das funções educativas tradicionais.

Tomando como referência, as reflexões presentes em *Algumas reflexões sobre a Psicologia do escolar*, onde Freud (1914/1969) postula a impossibilidade da aquisição de saber que não seja através do Outro encarnado no mestre, podemos mensurar as conseqüências da crise da autoridade e do desaparecimento do mestre na escola atual.

Entendemos, assim, os adolescentes de hoje no lugar de protagonistas da crise da educação apontada por Arendt (1992). Cada vez mais, o saber valorizado por eles não pode ser encontrado na escola, vista como desinteressante e desatualizada. Seus professores nada sabem sobre as novidades que motivam os alunos e podem ser encontradas principalmente através da internet. Em tempos de técnica, informação e autonomia, a transmissão do conhecimento perde espaço e a autoridade perde a força (Sanada 2006).

Para Césarís (2000), a freqüente agressão do aluno, sua apatia, nada mais é que um sintoma daquilo que não funciona na escola. A fim de conquistar alunos/clientes, freqüentemente, a escola utiliza métodos mercadológicos, com mudanças estéticas que, comumente, mascaram o cotidiano rotineiro, compartimentado, isolado e aborrecido das aulas.

Neste sentido, contribui Antelo (2004), quando afirma que o enfraquecimento do pai no mundo moderno ocasiona uma intensa carência de eixos para o educador, que perde sua posição de autoridade. O enfraquecimento das referências simbólicas na família, na escola e no laço social produz efeitos desestruturantes da autoridade e, conseqüentemente, do mestre e da educação.

Para Gutierrez (2003), a escola e o saber por ela veiculado perdem valor numa sociedade marcada pelo declínio da imago social paterna. Em um tempo de declínio do valor da educação na constituição dos sujeitos, saber e cultura não são reconhecidos como prioridades.

A carência de eixos observada na escola é também registrada na família. Roudinesco (2003) destaca a diluição da função paterna, o fortalecimento do feminismo e as evoluções técnico-científicas como fatores fundamentais que possibilitam o surgimento de um novo conceito de família na contemporaneidade. Nesta família, invadidos por discursos psicológicos e pedagógicos, os pais são vistos como incapazes de exercer sua função e paralisam-se diante da educação dos filhos. A fim de evitar toda e qualquer dor, tristeza ou medo, recorrem aos especialistas em busca da “melhor solução para os seus problemas”. Perdidos diante das modificações sociais, onde o discurso científico, autorizado pelas mídias, dita o certo e o errado, muitos pais duvidam da sua própria capacidade e autoridade.

Para Pombo (2003), a crise da educação se deve fundamentalmente ao fato de que, hoje, a missão real da escola, de ensino, no sentido de inscrição das novas gerações no patrimônio comum dos saberes acumulados pela humanidade, vem progressivamente sendo substituída pela educação no sentido de disciplinarização das vontades e desejos dos alunos. À medida que os pais trabalham e abandonam seus filhos cada vez mais precocemente e por um maior espaço de tempo nas escolas, há a transferência de grande parte da custódia diurna das crianças, fazendo com que freqüentemente também sejam transferidos para a escola direitos e deveres educativos que deveriam pertencer à família.

Neste contexto, os professores vêm sendo solicitados a serem educadores, a dominarem conteúdos diversos que envolvem desde didática à educação moral, que se acredita estarem relacionados ao ato de ensinar e distanciam-se do domínio do conteúdo sobre o qual ensinam. Para

Pombo (2003), este domínio do conteúdo é que possibilitaria ao docente, antes de educador, ser mesmo professor, ocupando um lugar de referência para seus alunos, sendo aquele que representa e apresenta o saber.

Assim, segundo Bastos (2000), poderíamos pensar que temos, hoje, na base do fracasso escolar, também o professor que não ocupa o lugar daquele que detém o conhecimento, daquele que sabe e por isso deve servir como referência. A relação entre o professor e o aluno acaba funcionando como um espelho onde o professor que não sabe “do que está falando” ou “por que está ali”, reclama de um aluno desmotivado e desinteressado.

Neste sentido, a crise da educação diz respeito à transferência, para a escola, de responsabilidades da família, o que interfere na postura dos professores e implica numa distorção do papel fundamental da escola de transmissão de conhecimentos contribuindo para o distanciamento do interesse dos alunos.

É fato, porém, que em adição às dificuldades enfrentadas na educação contemporânea, observamos ainda outros impasses que parecem específicos da educação de adolescentes. São inúmeros os casos de crianças com histórico escolar livre de graves problemas que, na adolescência, tornam-se apáticas ou resistentes ao conteúdo escolar. Neste sentido, concordamos com autores como Rassial (1999), Gutierrez (2002) e Khel (2004) naquilo que diz respeito às especificidades dos problemas escolares na adolescência.

ADOLESCÊNCIA E DESEJO DE SABER

Constituída para ser apropriada pela escola, a adolescência passa, como afirma Rassial (1999), a ser alvo de vários discursos. Com efeito, a partir de um ponto de vista psicanalítico, a adolescência é compreendida para além das questões pubertárias, podendo ser entendida como modelo das questões do sujeito contemporâneo.

Momento de intensas combinações e composições que exigem um novo posicionamento frente às demandas sociais, para Kaufmann (1996), o resultado do trabalho da adolescência, a saber, a conquista de uma identidade sexuada, é sem dúvida a consequência tanto de um trabalho de desprendimento das imagens parentais infantilizadas como de uma aceitação das experiências de dúvida, de falta e de solidão.

Devendo passar da família ao laço social, o adolescente, desiludido com a figura paterna, assiste à queda dos seus ideais da infância e deve se encontrar com os mestres. Ele se depara com o desamparo fundamental inerente ao ser humano e deve aprender a lidar com a falta dos pais e com sua própria falta. A este respeito nos valem as contribuições de Gutierrez (2002), quando declara que na adolescência há uma virada em relação ao saber vindo do Outro, no que diz respeito à veracidade e à consistência deste saber, já que, percebendo a impossibilidade da completude prometida na infância, o adolescente desconfia, principalmente, dos grandes representantes dos ideais do mundo adulto: os pais e os professores.

Daí a importância central das reflexões de Freud (1914/1987) sobre o valor do professor no

despertar do interesse dos jovens pelas ciências. Como Gutierrez (2002) e Rassial (1999) a partir de tais reflexões, consideramos a relação transferencial do adolescente ao mestre como fundamental à compreensão dos aspectos relacionados à educação e ao desejo de saber na adolescência.

Momento de transição do sujeito, devido a um reposicionamento da sua relação com o desejo e a autoridade, a adolescência, na atualidade, com as questões relativas às novas configurações da autoridade (comentadas no item anterior do presente trabalho) teria acentuados seus impasses. Então, a adolescência se constituiria pelo deslocamento das referências parentais como ideais e aí poderíamos incluir também aqueles que detêm a tradição e a autoridade, como os professores, tal deslocamento já poderia justificar a recusa do adolescente ao saber vindo do outro.

O que observamos hoje, contudo, parece não se esgotar nesta operação que define a adolescência (Rassial, 1999). A recusa do adolescente ao saber escolar não parece constituir-se somente a partir deste movimento de reposicionamento subjetivo, mas indica uma denúncia de que os lugares de referência e autoridade estão sendo negados justamente por se encontrarem esvaziados pelas estratégias sociais contemporâneas

Poderíamos pensar que o desejo de saber adolescente sofreria, assim, uma espécie de pane com as vicissitudes da atualidade, fazendo com que o olhar adolescente não se dirigiria mais ao adulto com seu saber? Neste sentido, concordamos com Fontes (1999), quando afirma que, se o desejo de saber aponta para a falta, para a impossibilidade de realização que garantiria um saber apenas suposto, observamos, hoje, guiado pelo imperativo do gozo, o consumo de saber, que torna este saber objeto possível.

Vivemos num tempo no qual, embora tenhamos acesso a uma quantidade sem precedentes de informações, a velocidade em que são processadas fazem-nas efêmeras e a quantidade de fontes e pontos de vista fazem-nas incertas. Tempo no qual os enunciados ganham poder em detrimento dos enunciadores, quando a crise da autoridade indica a crise de um lugar de poder e referência (Lebrun, 2004). Em tempos de técnica, de informação, de autonomia, a transmissão perde espaço e as referências daquilo que representariam uma autoridade igualmente perdem força.

Neste contexto, a falência dos ideais que se apresenta na cultura tende a tornar ainda mais penosa a falência típica dos ideais da adolescência (Coutinho, 2005). Numa cultura onde a imagem adolescente associada à juventude, beleza e descompromisso seduz também pais e professores, o adolescente vive sob regras que funcionam segundo a sua vontade (Khel, 2004).

Se a adolescência consiste na saída de uma esfera familiar e a entrada na ordem social, seria preciso que este 'grande outro' familiar encontrasse na cultura seu equivalente. O enfraquecimento do pai no mundo moderno e o discurso tecnocientífico, marcado pelo enunciado sem enunciador (Lebrun, 2004), deixa mais vazio este lugar de referência, de suposto saber. O saber, neste contexto, não poderia ser inicialmente suposto, uma vez que não há espaço para lugares de referência marcados pela autoridade e o desejo de saber seria paulatinamente substituído pelo consumo de saber (Fontes, 1999).

Outro fator que pode ser apontado como contribuinte para a queda do investimento adolescente no saber é a questão da relação do adolescente com o enigma que deveria ser o gerador do movimento em direção ao saber. Se, para Freud (1905/1987), o enigma da origem e da diferença

sexual é o responsável pelo surgimento do desejo de saber, na contemporaneidade podemos nos questionar acerca do lugar e do papel destes enigmas.

O segredo que desperta a curiosidade, o proibido, já praticamente não existem em nosso tempo, na mesma medida em que as diferenças sexuais se atenuam. Se, diante das diferenças que a angustiam, a criança passaria a querer saber, diante da falta da diferença não há a condição primeira para o surgimento do desejo de saber. Vivendo em um tempo do “já posto”, em que os corpos e o sexo estão “escancarados” pela mídia, não há espaço para o enigma e o adolescente desconhece o prazer da busca pela descoberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos como relevantes e possíveis as contribuições da psicanálise à clínica psico-pedagógica, uma vez que esta pode ser entendida como espaço de escuta singular, o que interessa significativamente à psicanálise. Ao tomarmos a psicanálise como referencial teórico, assumimos a ideia de sujeito que se constrói através da relação com o outro, a partir das noções de demanda e de desejo, que colocam o sujeito na dimensão do incompleto, do desconhecido. Desse modo, atravessada pelo desejo singular, a aprendizagem e mesmo o “despertar” do interesse pelo conhecimento, não podem obter “sucesso”. Os saberes diversos que chegam para ler as “dificuldades de aprendizagem”, tentando homogeneizar e massificar os sujeitos só evidenciam a impossibilidade inerente ao ato de educar.

O desinvestimento adolescente no conhecimento pode encontrar na psicanálise um espaço de contribuição relevante ao considerar as especificidades que marcam o sujeito e a cultura, ao mesmo tempo em que sugere uma relação com o desejo de saber e a questão da autoridade.

Alertados por Freud (1914/1969), no seu artigo “*Algumas reflexões sobre a Psicologia do escolar*”, sabemos da importância do lugar do mestre na adolescência, que, como vimos, encontra-se hoje ameaçado pela crise da autoridade. No entanto, não se trata, para nós, de estabelecer causas únicas ou determinantes para as questões relativas aos impasses da educação na adolescência. A aproximação de visões simplistas ou deterministas onde haveria a escolha de um fator responsável pelo desinvestimento adolescente no conhecimento não faz parte de nossos objetivos.

Se, à primeira vista, a busca de conhecimentos, por parte dos adolescentes, pode dizer respeito a uma série de questões tais como uma forma de ascender ao saber dos pais, um passo rumo à independência ou uma prova de que se é um “bom menino”, para entender o significado do desinvestimento nesse campo, é preciso considerar as inter-relações entre os processos de reposicionamentos sociais contemporâneos e as questões relativas à assunção subjetiva de um lugar social.

Para concluir, podemos dizer que a tarefa educativa com adolescentes testemunha um duplo impasse resultante tanto da posição adolescente agnóstica em relação ao saber vindo do Outro, como também dos problemas que cercam o projeto educativo na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

- Antelo, E. (2004). Algumas conseqüências inesperadas do declínio da figura do professor tradicional. *Anais 4. Colóquio do LEPSI*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 40-50.
- Arendt, H. (1992). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bastos, M.B. (2000). Socorro, o professor sumiu! Ou sobre as implicações educacionais que decorrem das novas formas de subjetivação vindas dos dispositivos escolares. *Anais 2. Colóquio do LEPSI*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 156-159.
- Césarís, D.M. (2000). O psicopedagogo nas instituições hoje. *Anais, 2. Colóquio do LEPSI*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 102-109.
- Coutinho, L.G. (2005). O adolescente e os ideais: Questões sobre um mal-estar contemporâneo. *Anais do Simpósio Internacional do Adolescente*, São Paulo: FESP, 1-3.
- Dias, A. E. (2004). Novas configurações no contexto escolar: O que, de fato, o professor tem a ver com isso? *Anais 4. Colóquio do LEPSI*, São Paulo: Universidade de São Paulo. Acesso em 24 /06/2010, disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400001&lng=pt&nrm=iso
- Freud S. (1969). Algumas reflexões sobre a Psicologia do escolar. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII; pp. 247-250). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII; pp. 128-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Fontes, A.M.M. (1999). Fracasso escolar: Sintoma social? *Anais 1. Colóquio do Lugar de Vida*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 107-113.
- Grant, W.H. (1999). O declínio da função paterna na atualidade. *Anais 1. Colóquio do LEPSI*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 70-75.
- Gutierra, B.C.C. (2002). O mestre (im)possível para adolescentes: Uma especial posição subjetiva na transmissão. *Estilos da Clínica*, 12 (12), 36-47.
- Gutierra, B.C.C. (2003). *Adolescência, psicanálise e educação: O mestre "possível" de adolescentes*. São Paulo: Avercamp.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kehl, M.R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In: R. Novaes & P. Vannuchi (Orgs.), *Juventude e sociedade*. (pp. 89-114) São Paulo: Perseu Abramo.
- Kupfer, M. C. (2005). *Freud e a educação: O mestre do impossível*. (3ª ed). São Paulo: Scipione.
- Lajonquière, L. (1999). *Infância e ilusão psicopedagógica: Escritos de psicanálise e educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
-

- Lebrun, J.P. (2004). *Um mundo sem limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Pombo, O. (2003). O insuportável brilho da escola. In: A. Renaut et al. *Direitos e responsabilidades na sociedade educativa*. (pp. 31-59). Lisboa: FCG. Acesso em 01/09/2009, disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/brilhoescola.pdf>.
- Rassial, J.J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sanada, E.R. (2006). A criança e o adolescente na contemporaneidade: entre o declínio da família e a insuficiência da instituição escolar. *Anais 5. Colóquio LEPSI/FE-USP*, São Paulo: Universidade de São Paulo, Acesso em 1/04/2009, disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100024&nrm+abn

Recebido em: 16/06/09

Revisto em: 28/09/09

Aceito em: 10/10/09